

Sobre os Aspectos Socio-Históricos da Obra: Um Recorte de Proposta de Ensino do Gênero Canção Com A Arca de Noé, de Vinícius de Moraes

On the sociohistorical aspects of the work: a sample of the proposal for teaching genre with the song *A Arca de Noé*, by Vinícius de Moraes

Edson Carlos Romualdo*

*Universidade Estadual de Maringá, UEM, Maringá – PR, 87020-900, email: ecromualdo@uol.com.br

Cristiano Brun Amarante**

**Faculdade de Tecnologia e Ciências do Norte do Paraná, FATECIE, Paranavaí – PR, 87701-970, email: crisbrun2@gmail.com

Resumo: Este artigo é um recorte de uma pesquisa mais ampla que procurou desenvolver e testar uma proposta de ensino-aprendizagem do gênero discursivo canção para crianças entre nove e dez anos de idade. Fundamentados numa perspectiva dialógica bakhtiniana, criamos um curso sobre canção e produzimos uma análise a partir do material resultante das aulas referentes à proposta didática de ensino-aprendizagem do gênero. Nesse curso, abordamos as canções do disco *A arca de Noé*, de 1980, produzido a partir de poemas do livro infantil de mesmo título, publicado em 1970 por Vinícius de Moraes. Especificamente, nosso recorte abrange as duas primeiras aulas, nas quais tratamos do contexto socio-histórico de produção da obra *A arca de Noé* e as canções criadas a partir dela, direcionando as atenções para a análise da dimensão socio-histórica de sua produção. Realizamos a demonstração e a análise das aulas a partir das etapas da pesquisa-ação (planejar – agir – descrever – avaliar), perspectiva metodológica que fundamentou a pesquisa. Em função da metodologia utilizada, os resultados apontam em duas direções: i) demonstram a importância de se abordar o contexto socio-histórico em atividades como as propostas, pois, por meio delas, os alunos conseguiram se inteirar dos elementos contextuais de produção da obra de Vinícius de Moraes; ii) ao descrever e avaliar seu planejamento e execução, o professor concluiu que as atividades planejadas tiveram êxito, demonstrando que o encaminhamento proposto para o curso era viável.

Palavras-chave: contexto sócio-histórico; gênero discursivo canção; Bakhtin.

Abstract: This article is a cut out of broader research that sought to develop and test a teaching and learning proposal of songs as a discursive genre for children between nine and ten years old. Based on a Bakhtinian dialogic perspective, we've created a course about songs and produced and analyzed the resulting material referring to the classes related to the didactic proposal of teaching and learning genres. In this course, we used the songs from the album *A arca de Noé* (1980), produced from poems of the homonymous children's book, published in 1970 by Vinícius de Moraes.

Specifically, our sample shows the first two lessons, in which we go over the sociohistorical context of the book *A arca de Noé* and the songs created from it, directing attention to the analysis of the sociohistorical context of its production. We demonstrated and analyzed the lessons through the stages of research-action (plan – act – describe – evaluate), a methodological perspective that grounded the research. Due to the employed methodology, the results point towards two directions: i) demonstrate the importance of approaching sociohistorical context in activities such as the proposed ones, because, through them, the students could be informed of the contextual elements of the production of Vinícius de Moraes' work; ii) when describing and evaluating his planning and execution, the teacher concluded that the planned activities were successful, demonstrating that the proposed course format was viable.

Key-words: sociohistorical context, song as a discursive genre, Bakhtin.

INTRODUÇÃO

A canção é um gênero discursivo constituído pela relação da linguagem musical e da linguagem verbal, produzindo sentidos que podem ser diferentes se nos detivermos somente em uma das linguagens. Se, por um lado, a canção possui componentes musicais com características próprias, estudadas geralmente por musicistas, vale ressaltar que, por outro, a palavra cantada constitui-se como um rico objeto de análise para o linguista (CARMO JR, 2012). O estudo desse gênero pelo viés de apenas uma de suas linguagens caberia à música instrumental isoladamente ou à poesia (LIMA, 2010). No entanto, o sincretismo entre música e letra deve fazer com que a teoria musical e a teoria linguística tornem-se parte de um estudo maior, no qual os sons, tanto os musicais quanto os verbais, sejam vistos como partes integrantes do gênero discursivo para a produção de sentidos. A nosso ver, a canção precisa ser analisada por uma perspectiva que considere a fusão entre seus componentes verbais e musicais envolvidos pelo contexto socio-histórico de sua produção, com suas posições axiológicas circundantes.

Quando trazido para o cenário educacional, usado para algum fim didático, frequentemente vemos o desmembramento das características intrínsecas desse gênero discursivo. Nas escolas, os livros didáticos até trabalham com a canção, mas geralmente de maneira pretexta para tratar apenas do conteúdo verbal; já nos conservatórios, a canção é ensinada pelo viés musical em detrimento do conteúdo verbal que a constitui. Marques e Romualdo (2015) abordam esse assunto, ao analisarem alguns livros didáticos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio – todos aprovados pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). Os autores demonstram que o caráter

intersemiótico do gênero discursivo canção não é explorado nessas obras, ou é apenas mencionado, pois elas não abordam a linguagem musical, restringindo-se geralmente à linguagem verbal. Lopes (2013) é outra autora que destaca que poucos são os trabalhos que envolvem a didatização do gênero discursivo canção voltando-se para ambas as linguagens de igual maneira.

Enquanto conservatórios e escolas se dividem no tratamento da canção, para os Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa – PCN (BRASIL, 1988), ela é colocada como gênero privilegiado para a prática de escuta e leitura de textos, e está inserida no âmbito dos estudos literários, devido à sua natureza artística.

Diante desse impasse, procuramos realizar uma pesquisa que procurava investigar a possibilidade de elaborarmos um procedimento didático que abordasse o ensino-aprendizagem da canção pela perspectiva de seu todo valorativo, de orientação social, objetivando a compreensão dos sentidos que são criados a partir de seus aspectos composicionais.

Assim, propomos um trabalho em que relacionamos a canção às teorias bakhtinianas sobre os gêneros do discurso, apoiados também na análise linguística dos aspectos fonostilísticos e na teoria musical, compondo uma base epistemológica que caracterizou a canção como um enunciado relativamente estável e de cunho estritamente social em que se mesclam linguagem verbal e linguagem musical. Dessa combinação obtivemos os alicerces conceituais que possibilitaram a didatização desse gênero discursivo em um trabalho qualitativo, que se utilizou das prerrogativas da pesquisa-ação como procedimento metodológico para a pesquisa. Portanto, nossa base de trabalho entendeu a canção como um gênero discursivo sincrético, secundário, oral e pertencente à esfera artístico-musical (CARETTA, 2007).

Para o desenvolvimento de nossa proposta dentro de um ambiente controlado, criamos um curso sobre canção e produzimos uma análise a partir do material resultante de um conjunto de aulas referentes à proposta didática de ensino-aprendizagem do gênero, para uma turma composta por nove crianças na faixa etária entre 9 e 10 anos de idade. O curso foi disponibilizado pela Casa de Cultura de uma cidade do interior do Paraná. Nesse curso, tratamos das canções do disco *A arca de Noé*, de 1980, produzido a partir de poemas do livro infantil de mesmo título, publicado em 1970 por Vinícius de Moraes. Oriundo desse curso, nosso *corpus* de análise da pesquisa se constituiu de questionários, gravações das aulas em vídeo, diário de bordo e gravações pessoais em vídeo feitas pelo professor após as aulas, para prática reflexiva.

Nossa escolha por trabalhar uma proposta voltada para essa faixa etária de alunos se deu pelo fato de acreditarmos que nessa idade a curiosidade sobre novas propostas de ensino é latente e a presença de compromissos estudantis é menos severa do que ocorre com alunos de mais idade, que já iniciaram processos de estudo voltados a concursos vestibulares ou, em alguns casos, até compromissos profissionais. Crianças com idade inferior aos 9 anos talvez correspondessem a alunos ainda sem alfabetização necessária para as demandas de leitura e escrita que nossa proposta didática exigiu, acarretando prejuízos e distorções à pesquisa que pretendíamos realizar.

Para o desenvolvimento da proposta elaboramos um Plano de Ensino para o curso e Planos de Aula para cada encontro. O curso efetivou-se em 30 aulas, divididas em três unidades, inter-relacionadas na temática, mas específicas em seu conteúdo didático, que abordaram: o contexto de produção da obra infantil de Vinícius de Moraes (Unidade I); o tratamento da canção a partir de seus elementos constitutivos, entrelaçando harmonia, ritmo, verbal musicado (linguagem verbal na canção) e melodia (Unidade II); e produção final, na qual alunos e professor criaram uma nova canção (Unidade III).

Este artigo objetiva mostrar a efetivação da Unidade I, na qual, como dissemos, procuramos apresentar o contexto socio-histórico de produção da obra infantil de Vinicius de Moraes. Tanto o livro de poemas, quanto os discos de vinil, fitas cassetes e CDs foram abordados em aula. Nessa primeira unidade, procuramos trazer para a sala de aula o contexto socio-histórico, enfatizando as posições axiológicas que emanaram da obra na época de sua criação e as que são possíveis na contemporaneidade, considerando a importância de tais aspectos em uma proposta de ensino-aprendizagem do gênero canção sob uma perspectiva bakhtiniana. A análise apresentada neste artigo segue a base metodológica de toda a pesquisa realizada, qual seja, a pesquisa-ação.

A PESQUISA-AÇÃO: TEORIA E PRÁTICA EM UMA MESMA AÇÃO

Todo o desenvolvimento de nossa pesquisa baseou-se nos procedimentos metodológicos da pesquisa-ação, por entendemos que a proposta que apresentamos necessita apoiar-se nas transformações que surgem no decorrer da própria prática, teorizando essa prática através de novos elementos que passam a existir durante o processo, sobre um contexto no qual pesquisador faz-se participante também como objeto pesquisado.

Uma característica básica da pesquisa-ação está no fato de que, por meio dela, analisa-se como uma teoria pode intervir na prática, e vice-versa, executadas no decorrer do próprio processo de pesquisa, desenvolvendo o conhecimento e a compreensão, e envolvendo o pesquisador no processo dialético que o torna parte da pesquisa.

Por essa perspectiva, a pesquisa-ação passa a representar um caminho de investigação científica em que o “pesquisador deve tomar a decisão, embasado por uma teoria, sobre qual ação deve ser tomada para melhoria da prática já experimentada, seguindo convicção de que pesquisa e ação podem e devem caminhar juntas quando se pretende a transformação da prática” (FRANCO, 2005, p. 485). E mais, a pesquisa-ação baseia-se na análise de qualidade da ação entre os sujeitos participantes da pesquisa como princípio fundamental para que se defina uma condição epistemológica que legitime a pesquisa-ação como instrumento científico.

Embasado na metodologia da pesquisa-ação, o pesquisador acaba por ressaltar o fato de que ele próprio passa a representar o sujeito que, por estar inserido na pesquisa, intervém nas situações de interação com o objetivo de observar a eficácia, ou não, de um procedimento metodológico voltado para o desenvolvimento de um problema específico, em uma situação também específica, objetivando relevância prática nos resultados (ENGEL, 2000).

Como visa à articulação entre teoria e prática, a pesquisa-ação prima pela construção do conhecimento pela dimensão prática como lugar privilegiado da pesquisa. Ancorada em um fato pragmático, parte de um reconhecimento situacional, uma análise do contexto de pesquisa que possa produzir a mais ampla visão sobre as práticas sociais encontradas na situação pesquisada e, a partir daí, delimitar o problema a ser observado na pesquisa.

Por “problema” entende-se aqui a consciência, por parte do pesquisador, de que algo que o intriga, que pode ser melhorado na área de ensino, ou o reconhecimento da necessidade de inovação em algum aspecto do programa de ensino. (ENGEL, 2000, p. 186).

Destacamos o fato de que, para a pesquisa-ação, a busca por resolução da prática passa por uma teoria científica, que de modo algum pode ser considerada de maneira superficial, apegada em seu caráter epistemológico; pelo contrário, essa teoria deve aprimorar a prática, transformando-a e modificando a si mesma.

Para um cientista que se utiliza da pesquisa-ação, há a necessidade de superação de um modelo alicerçado na separação entre teoria e prática, no distanciamento entre o

conhecimento e a ação efetiva, para então se valorizar as experiências sociais dos sujeitos da pesquisa, a ponto de torná-las ponto de início na produção do conhecimento por um viés científico. Desta forma, o procedimento metodológico da pesquisa-ação procura aprimorar a prática através da oscilação entre o agir e a investigação sobre o processo desse agir. Para Tripp (2005, p. 446), a pesquisa-ação segue um movimento cíclico, em quatro fases do ciclo básico da investigação-ação: planejar – agir – descrever – avaliar.

No âmbito do ensino-aprendizagem, a pesquisa ação torna-se estratégica no desenvolvimento de professores e pesquisadores que possam utilizar suas próprias pesquisas para o aprimoramento do ensino empregado em sala de aula e, conseqüentemente, o aprendizado de seus alunos (TRIPP, 2005). Isso ocorre porque, enquanto por um lado o roteiro didático empregado pela pesquisa-ação objetiva investigar e produzir conhecimento acerca de uma realidade prática a ser estudada em relação a uma ou mais teorias, por outro, elabora um processo educativo para o enfrentamento dessa realidade, pois “a metodologia da pesquisa-ação articula a produção de conhecimentos com a ação educativa” (TOZONI-REIS, 2009, p. 31).

Nossa pesquisa caracterizou-se como pesquisa-ação por agirmos como o sujeito atuante da prática pedagógica proposta e, ao mesmo tempo, observador dessa prática, procurando, durante o próprio processo de aplicação da proposta de curso, analisar o seu funcionamento, refletir sobre a prática e efetuar as mudanças necessárias.

CAMPO DE ATIVIDADE HUMANA, GÊNERO DISCURSIVO E CONTEXTO SOCIO-HISTÓRICO

Para Bakhtin (2003), cada um dos diversos campos da atividade humana tem sua existência intrinsecamente condicionada ao uso da linguagem, a qual se dá pela necessidade de interação social, em que “toda palavra serve de expressão de um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006, p.115).

Como podemos ver pelo fragmento citado, o uso da linguagem acontece na forma de interações humanas elaboradas de maneira concreta e única – os enunciados – que são maleáveis, pois “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, aos quais denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2003,

p. 262). Com isso, todas as nossas falas, sendo elas cotidianas ou formais, são articuladas em um gênero discursivo (ROJO; BARBOSA, 2015).

É importante considerarmos que o campo de atividade humana se configura como um nível específico de coerção social de “caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006, p. 31). Concebem-se os campos de atividade humana, portanto, como espaços sociais capazes de refratar e traduzir as demandas externas (GRILLO, 2005).

Os campos oferecem elementos indispensáveis para a produção do enunciado e materializam um padrão organizacional que se presta às finalidades relacionadas estritamente ao fator social oriundo da atividade humana (SANTANA, 2012). É por essa perspectiva que podemos entender os papéis desempenhados pelos interlocutores em relação ao projeto de enunciado dentro de um determinado campo.

Inserido nos campos da atividade humana, o enunciado necessita de um aval social que legitime a sua existência. Para Bakhtin e Volochinov (2006), uma melhor compreensão para os enunciados passa estritamente pela observância do viés social, pois “uma análise fecunda das formas do conjunto de enunciações como unidades reais na cadeia verbal só é possível de uma perspectiva que encare a enunciação individual como um fenômeno puramente sociológico” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006, p. 129).

Ao tratar dos gêneros do discurso, Bakhtin (2003) define que eles se formam através de três elementos fundamentais em sua constituição: o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo. Esses elementos não se dão de maneira espontânea, como em um fenômeno natural, antes, nascem como fruto de acontecimentos culturais e se efetivam em um evento único e singular de comunicação, sempre obedecendo aos padrões discursivos do campo (MACIEL, 2011).

Assim, torna-se evidente que a particularidade de cada enunciado individual está relacionada diretamente com esses três elementos, indissolúveis na sua formação, com o seu contexto de produção e com o(s) seu(s) interlocutor(es). (SOUZA, 2010, p. 125).

Esses elementos constituintes se organizam da relação direta com o contexto socio-histórico de produção do gênero, que está sempre carregado de ideologias que circundam o seu âmbito social, pois nos gêneros as “formações ideológicas são intrinsecamente, imanentemente sociológicas” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006, p. 3).

Isso faz com que o enunciado nasça de uma situação pragmática extraverbal, mantendo a conexão mais próxima possível com esta situação.

Para Bakhtin e Volochinov (2006):

Na verdade, qualquer que seja a enunciação considerada, mesmo que não se trate de uma informação factual (a comunicação, no sentido estrito), mas da expressão verbal de uma necessidade qualquer, por exemplo a fome, é certo que ela, na sua totalidade, é socialmente dirigida. (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006, p. 116).

De acordo com os autores, qualquer que seja o enunciado proferido, ele será sempre socialmente dirigido, pois a situação e os participantes mais imediatos da enunciação determinam a sua forma. Isso ocorre porque a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006).

As pressões sociais a que está submetido o enunciador determinam os estratos mais profundos da enunciação, fazendo com que o grau de consciência e de clareza da atividade mental seja diretamente proporcional ao seu grau de orientação social (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006). Isso indica que a consciência só existe pelo fato de que há uma orientação social de caráter apreciativo estritamente relacionada a uma ideologia.

É pelo viés social da linguagem que emanam as posições ideológicas sobre os gêneros. Acerca desse assunto, Bakhtin e Volchinov (2006) demonstram que a simplificação da linguagem como mera atividade individual tenderia a aproximar a consciência do homem à reação fisiológica do animal, “dando provas de que a consciência foi incapaz de enraizar-se socialmente.” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006, p. 117). Em detrimento a essa perspectiva, concebe-se a linguagem como uma atividade coletiva, na qual a atividade mental do “nós” permite graus diferentes nos tipos de modelagem ideológica.

A atividade mental do nós não é uma atividade de caráter primitivo, gregário: é uma atividade diferenciada. Melhor ainda, a diferenciação ideológica, o crescimento do grau de consciência, são diretamente proporcionais à firmeza e à estabilidade da orientação social. Quanto mais forte, mais bem organizada e diferenciada for a coletividade no interior da qual o indivíduo se orienta, mais distinto e complexo será o seu mundo interior (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006, p. 117).

Isso implica em dizer que a consciência individual é uma ficção, pois é criada sem que se considerem os dados concretos que se dão no contexto social. “Não é senão uma construção ideológica incorreta, criada sem considerar os dados concretos da expressão social.” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006, p. 120).

Faraco (2009) afirma que, para o Círculo de Bakhtin, a consciência individual se constrói justamente na interação social, e o universo da cultura tem primazia sobre ela. Enquanto essa consciência individual permanecer em si mesma, sua expressão permanece sob os moldes de um simples discurso interior.

Mas assim que passou por todas as etapas da objetivação social, que entrou no poderoso sistema da ciência, da arte, da moral e do direito, a consciência torna-se uma força real, capaz mesmo de exercer em retorno uma ação sobre as bases econômicas da vida social. (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006, p. 120).

O uso dos gêneros discursivos, isto é, dos enunciados relativamente estáveis inseridos nos diversos campos da atividade humana, dá origem a uma expressão social plenamente realizada quando o nosso mundo interior se adapta às possibilidades de expressão social que nos circundam, pois enquanto a expressão individual denota sua prática cotidiana de equivocada aparência desarraigada de fatores sociais, os sistemas de ideologia constituídos embasam essa individualidade, forjando-a e dando-lhe sentido social, agindo de forma direta na ideologia do cotidiano.

Desta forma, ao elaborarmos nossa proposta de ensino do gênero canção sob o viés da teoria bakhtiniana, consideramos fundamental iniciarmos o curso com a apresentação do contexto socio-histórico de produção das canções que trabalharíamos, elaborando o Plano de aula para a condução das atividades.

O PLANO DE AULA

Para a organização do processo de ensino, a aula é estabelecida como forma predominante do trabalho sobre conceitos e conhecimentos científicos compartilhados.

É na aula que organizamos ou criamos as situações docentes, isto é, as condições e meios necessários para que os alunos assimilem ativamente conhecimentos, habilidades e desenvolvam suas capacidades cognoscitivas. (LIBÂNEO, 1992, p. 241).

O ato de planejar uma aula remete a uma decisão prévia do que será trabalhado em sala, estabelecendo conteúdos, metodologias, recursos didáticos e até mesmo os conceitos avaliativos a serem empregados na turma. Dessa forma, um plano de aula torna-se uma espécie de sequência de práticas didáticas a serem desenvolvidas em um dia letivo.

Com Libânio (1992) observamos a importância que há no ato de preparação da aula pelo professor, que resulte em um documento escrito que serve tanto na orientação didática em sala, quanto no aprimoramento através de revisões corretivas. No plano de aula é possível prever os tópicos a serem trabalhados em uma situação didática real.

O ato de planejar as aulas configura-se, portanto, como um aliado da prática docente, pois “é por intermédio do planejamento que o professor vai delinear suas ações para alcançar seus objetivos ao longo de um período” (CASTRO et al. 2008, p. 60).

As aulas de nosso curso estão documentadas por planos de aula que se referem aos procedimentos didáticos que tomamos. Esses planos de aula foram elaborados baseando-se no modelo utilizado pelos professores que trabalham com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID de língua inglesa do curso de Letras de uma universidade estadual paranaense. Neles estão contidas informações sobre as aulas, como objetivos, materiais utilizados e avaliação. Para nosso curso, os planos de aula foram divididos seguindo o encaminhamento proposto no plano de ensino.

O plano que apresentamos a seguir refere-se às duas primeiras aulas do curso proposto, nas quais tratamos da contextualização socio-histórica do livro e dos discos *A arca de Noé*.

Aulas 1 e 2 – Contexto sócio-histórico

[NOME DO ESTABELECECIMENTO – CIDADE e ESTADO]

Professor: [NOME DO PROFESSOR]

Turma: crianças entre 9 e 10 anos de idade **turno:** tarde

Horário: 17h **Duração:** 2 aulas de 45min cada

Conteúdo: Livro e canções **A arca de Noé:** contexto socio-histórico de produção.

Objetivo geral:

Apresentar o livro **A arca de Noé** e as canções criadas a partir dele, direcionando as aulas para a dimensão socio-histórica de produção do livro e dos discos, enfatizando os conceitos axiológicos que circundam esse gênero discursivo.

Objetivos específicos:

- Contextualizar socio-historicamente as poesias do livro e as canções dos discos de **A arca de Noé**.
- Apresentar as canções dos discos **A arca de Noé** e **A arca de Noé 2**.
- Trabalhar as questões axiológicas referentes ao livro e aos discos da obra.

Procedimentos de ensino

<p>Atividade pré –</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação aos alunos do projeto relacionado ao curso e de seus objetivos. • Demonstração do livro A arca de Noé: • Sabem o que é um poema? Para quem os poemas desse livro foram escritos? (questões valorativas que levam em conta a presença de gravuras e o estilo de linguagem desses poemas). • Quem escreveu o livro? (aqui usaremos o computador para apresentar Vinícius de Moraes). • Há quanto tempo foram criados os poemas? (trabalho voltado à ficha catalográfica do livro). • Onde é que circula um livro de poemas? • Leitura dos poemas ao microfone. <p>Atividade durante –</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sobre música, o que sabem? Falaremos sobre os elementos musicais - harmonia, melodia e ritmo - de maneira superficial, mas já com objetivos didáticos. • Observaremos os encartes dos CDs, bem como as mídias utilizadas para gravação da época (LP e fita cassete) com intuito de se trazer o contexto de produção da obra. • Que relação há entre essa obra do Vinicius e a arca de Noé bíblica? (veremos um vídeo de um desenho animado que trata do texto bíblico). • Observaremos alguns dos poemas, ouvindo suas respectivas canções, e veremos os animais reais através de vídeos no computador. • Como se dá essa combinação entre música e letra? • Onde podemos ouvir canções hoje em dia? <p>Atividade pós-</p> <ul style="list-style-type: none"> • Com ajuda dos alunos, o professor produzirá um pequeno poema, sobre um animal que não esteja no livro ou nos discos, para então musicá-lo.
Recursos
Violão com cabo e pedestal; Aparelho de som toca CDs; CDs da obra em questão; Notebook e caixas de som; LP e fita cassete; Amplificador com pedestal e microfone; Celular para filmagens; Livro <i>A Arca de Noé</i> .
Procedimentos de avaliação
Participação nas aulas e na elaboração do trecho de canção.
Referências:
<p>BAKHTIN, M. (Volochínov). Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.</p> <p>BUENO, V. ; MACEDO, E. C. Julgamento de estados emocionais em faces esquemáticas por meio da música por crianças. Psicologia: Teoria e Prática – 2004, 6(2): 27-36. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1162>. Acesso em: 22 nov. 2017.</p> <p>CARMO JR, J. R. Sobre a gramática da palavra cantada. Campinas: Cadernos de Estudos Linguísticos, jul/dez, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636602>. Acesso em: 10 jan. 2018.</p> <p>CASTRO, P. A. P. P. ; TUCUNDUVA, C. C. ; ARNS, E. M. A importância do planejamento das aulas para organização do trabalho do professor em sua prática docente. ATHENA • Revista Científica de Educação, v. 10, n. 10, jan./jun. 2008. Disponível em: < file:///C:/Users/Edson%20C.%20Romualdo/Downloads/Artigo_A_import%C3%A2ncia_do_planejamento_das_aulas_para_organiza%20(1).PDF>. Acesso em: 22 nov. 2017.</p> <p>CECCHETTO, F. Entre a literatura e a música: o poético e o lúdico no contexto da canção da MPB. DARANDINA Revisteletrônica – Programa de Pós-Graduação em Letras / UFJF – volume 4 – número 1. Jun/2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/darandina/files/2011/06/Entre-a-literatura-e-a-m%C3%BAsica-o></p>

po%C3%A9tico-e-o-l%C3%BAdico-no-contexto-da-can%C3%A7%C3%A3o-da-MPB.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2018.

KOELLREUTTER, H. J. **Harmonia Funcional**: introdução à teoria das funções harmônicas. 3 ed. São Paulo: Editora Ricordi, 1986.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1992.

MORAES, Vinicius de. **A arca de Noé**: poemas infantis. 20. Ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1989.

Esse plano de aula orientou as atividades realizadas, as quais passamos a analisar no próximo tópico, considerando as etapas da pesquisa-ação (TRIPP, 2005).

ANÁLISE

Entendemos que o trabalho com o tempo histórico de produção da obra, enfatizando as possíveis posições axiológicas que circundaram tanto o livro quanto a criação fonográfica à época, devia ser tratado primeiramente em nossa proposta de didatização do gênero canção, pois é “a situação social mais imediata e o meio social mais amplo que determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006, p. 116). A intenção nesse momento foi a de apresentarmos o livro *A arca de Noé* e as canções criadas a partir dele, direcionando as atenções para a análise da dimensão socio-histórica de sua produção.

Para isso, iniciamos esse primeiro encontro, de duas aulas, com uma breve explicação aos alunos sobre os objetivos esperados, para que eles se inteirassem do assunto que seria abordado e tivessem uma noção sobre o que seria estudado durante as aulas. Nas filmagens dessas primeiras aulas ficou registrada a aparente timidez inicial dos alunos e a tensão e ansiedade do professor. No diário de bordo ficou o registou dizendo que “o tempo estabelecido para as aulas foi suficiente”. Entendemos que dentre as diversas preocupações do ministrante, a questão do tempo pesou muito, pois nas filmagens o vemos olhando o relógio com certa frequência. Sob a perspectiva do pesquisador, entendemos essa situação como natural em um início de curso, principalmente por ser tratar de aulas que jamais tinham sido testadas.

Sob esse clima de início de curso, o professor passou a explicar aos alunos que as aulas aconteceriam todas as quartas e sextas feiras, com duração de 45 minutos cada aula (2 aulas por encontro), e que se tratava de um curso novo, no qual tanto a letra quanto a

música das canções seriam levadas em consideração para os estudos. Ao observarmos as filmagens, vemos que as crianças compreenderam o que lhes foi posto, ou ao menos não esboçaram reações de dúvida aparente.

Objetivando um primeiro contato com a obra, partimos para a apresentação do livro, entregando-o para que os alunos o folhassem e observassem o tamanho das letras, as gravuras e suas cores, a espessura do livro e tudo mais relacionado ao material impresso. Perguntas do tipo: “Vocês gostam de ler livros?” e “Os livros que vocês já leram eram impressos ou no computador?” foram feitas pelo professor, buscando verificar a vivência social dos alunos com a leitura e o contato com livros. Destacamos desse momento o fato de que um aluno respondeu gostar de mangás, as histórias em quadrinhos de origem japonesa. Uma das alunas disse possuir livros na estante da sua casa, mas que ela mesma não era “de ler muito”. Munido de informações prévias sobre os alunos, oriundas da entrevista respondida por seus pais/responsáveis, observamos que alguns deles têm uma boa prática de leitura.

Um detalhe importante sobre o livro *A arca de Noé* está no fato de que ele possui gravuras que não estão coloridas, e o professor propôs aos alunos que refletissem sobre a razão disso. Algumas respostas surgiram, como a de um dos alunos que disse: “Acho que naquele tempo não tinha tinta”. Esse fato nos demonstrou que o aluno entendeu que a obra não era contemporânea, mesmo ainda sem tratarmos sobre o ano de publicação do livro. Na condição de pesquisador observamos que os estilos gráficos da obra podem realmente levar os alunos a perceberem que ela advém de outro momento histórico, com outras características axiológicas diferentes em relação à contemporaneidade, pois os desenhos atuais apresentam contornos diferentes. A fala do aluno demonstra o conhecimento do sujeito sobre como as obras produzidas em determinado tempo apresentam características específicas desse momento histórico.

A partir disso, e seguindo o planejamento de aula, passamos a tratar sobre o autor do livro: Vinícius de Moraes. A maioria dos alunos disse que já o conhecia, pois eles já haviam tido contato com suas obras na escola. Apesar dessa resposta, a impressão do professor foi a de que esse conhecimento era superficial, restringindo-se ao nome do autor e a um ou outro de seus poemas, como ficou registrado no diário. Entendemos que essas incongruências entre o que os alunos atestam e o que se vê na realidade interferem na pesquisa, pois criam discordâncias nos dados, fazendo com que o professor-pesquisador tenha que realizar mudanças no percurso estabelecido.

Propomos então a pergunta sobre qual seria, na opinião deles, a temática do livro *A arca de Noé*. Nesse momento um dos alunos respondeu ser “um livro de Deus”, certamente pelo título que sugere uma relação com o texto bíblico homônimo. Essa resposta mostra o diálogo, no sentido bakhtiniano, que o sujeito estabelece entre os textos que circulam socialmente, de campos diferentes (religioso e artístico); demonstra também o contexto social do aluno. Outros alunos também levantaram essa hipótese, o que deu brecha para o professor explicar que, apesar de ter um nome que lembra o texto bíblico, o livro de Vinícius apresenta uma coleção de poemas sobre animais. Percebemos, pelas filmagens, que o professor tentou desviar o foco de questões religiosas, pois o objetivo aparente para esse momento era o de levantar a relação da existência dos animais em ambas as obras. Sob o olhar de pesquisador, acreditamos que, apesar de alguns alunos lembrarem-se do texto bíblico, a existência de animais era, na verdade, a única reminiscência que eles traziam sobre esse texto.

Nesse caminho, passamos então a propor questões que levassem à exposição das axiologias através da pergunta: “Vocês sabem o que é um poema?”. O objetivo desse momento foi o de observar quais seriam as concepções que os alunos já possuem sobre o assunto e quais valores esses alunos expõem sobre esse gênero discursivo. As respostas variaram entre “Poema é texto com rimas” e “Poema tem versos”, e nos levaram ao entendimento de que, apesar de já terem tido contato com essa forma literária, o conhecimento dos alunos acerca do assunto era superficial e condicionado ao entendimento apenas da estrutura composicional do gênero.

Uma conversa sobre esse assunto foi levantada, com o professor destacando a possibilidade de um poema poder transmitir sentimentos, em que as palavras tomam sentidos diversos, diferentemente do texto prosaico, aquele que trata de temas do cotidiano. Através das filmagens podemos perceber que a aula já fluía melhor, com menos timidez por parte dos alunos e menor ansiedade por parte do professor.

Direcionando o foco especificamente para os poemas do livro *A Arca de Noé*, mostramos o seu índice remissivo com os nomes dos poemas, e as crianças confirmaram que tratavam sobre animais diversos. Nesse momento uma das alunas lembrou-se das fábulas, que também apresentam animais, e comentou isso em voz alta: “Isso é fábula, professor?”. A pergunta da aluna mostra sua circulação pelo campo literário e as possíveis relações que se podem estabelecer entre os gêneros desse campo. O professor de prontidão diferenciou os gêneros, explicando, entre outros pontos, que em uma fábula os animais possuem a capacidade da fala humana, fato que não era regra nos poemas em

questão. Pelo viés do pesquisador, observamos que o professor já estava preparado para essa resposta, pois no vídeo ele demonstrou firmeza ao diferenciar a fábula dos poemas em questão.

Seguindo o planejamento para esse primeiro encontro, o professor explicou aos alunos sobre a ficha catalográfica do livro, mostrando que nela pode-se encontrar, além do nome do autor, o ano de publicação e a editora que publicou a obra. Ao observarem o ano de publicação, os alunos foram incitados a calcularem quantos anos se passaram até então, chegando à conclusão de que o livro fora publicado há mais de 40 anos. A reação dos alunos nesse momento, registrado em vídeo, foi de espanto, pois começaram a dizer frases como “Meu pai é mais novo que esse livro”, que mostravam a consciência de que a obra fora produzida em outro momento histórico. Esse fato trouxe ao pesquisador a certeza de que o tratamento sobre o momento socio-histórico, como coloca Bakhtin, é de vital importância para que os alunos percebam as mudanças históricas que ocorreram do momento de criação da obra para os dias atuais.

A partir disso o professor levantou outra questão axiológica: “Para quem vocês acham que foram escritos esses poemas?”. Baseados nas figuras do livro, na temática dos poemas, na possibilidade de colorir as gravuras, os alunos concluíram ser um livro destinado a crianças. Vemos, portanto, a importância de nos voltarmos para as condições de produção ao analisarmos um material, visto que os alunos passaram a compreender que a própria constituição do livro e dos textos se organizavam em função de seu público-alvo.

Perguntados se adultos também poderiam ler o livro, a resposta “sim” foi unânime. “Os adultos hoje foi crianças antes”, comentou um aluno. Esse tipo de resposta importa para a pesquisa, pois demonstra que os alunos compreendem as características genéricas que delimitam a idade para a qual a obra foi destinada.

Na sequência, o professor mostrou, no computador, uma entrevista de Vinicius de Moraes para que os alunos o conhecessem. Essa parte da aula poderia ter sido realizada anteriormente, quando da apresentação inicial do livro, pois refletimos depois que aquele seria o melhor momento, pois já tínhamos a oportunidade para mostrar o autor da obra. Apesar disso, não acreditamos que os objetivos tenham sido desvirtuados por esse fato.

Antecipadamente (pois no planejamento esse momento deveria ocorrer mais à frente), o professor propôs escolher um dos animais citados nos poemas para que pudessem vê-lo em seu habitat natural, em vídeo no computador. No vídeo gravado pelo professor, vemos o registro de que ele “se perdeu na sequência didática do plano de aula”,

e que, por conta disso, se deu essa antecipação. Sob o viés de análise da pesquisa, esse fato em nada modificou os rumos das aulas, pois apenas modificou a ordem didática, sem alterar os objetivos do encontro.

O animal escolhido foi a galinha de Angola, que, ao ser vista na tela do computador, arrancou gargalhadas das crianças, quando emitiu seu som vocal. Uma das crianças, em sua singeleza, falou que seria necessário um tradutor no computador para se entender o que a galinha de Angola dizia. Esse apontamento nos mostrou o quanto a tecnologia está presente no contexto social dessa nova geração, e o quanto o professor precisa se atualizar sobre essas questões para ter melhor êxito no ensino-aprendizagem em geral. Nesse momento, alunos e professor já estavam bem à vontade em sala. Acreditamos que essa maior descontração do grupo aconteceu porque os alunos passaram a contextualizar a obra em uma plataforma midiática comum ao seu contexto histórico: o computador. Para nós, isso reforça a afirmação bakhtiniana de que o homem é um ser socio-historicamente constituído na/e pela linguagem.

Orientado pelo plano de aula, o professor perguntou aos alunos: “Onde é que podemos encontrar um livro de poemas?”. “Na biblioteca”, respondeu uma das alunas; “Na escola”, respondeu outra; “Na sala da casa da minha avó”, disse uma terceira criança. Tais respostas (com exceção da sala da avó) já eram esperadas, pois esses espaços são mais orientados a essa forma literária. Quanto à resposta da sala da avó, entendemos que alguns alunos possuem maior letramento literário, devido ao convívio social no qual estão inseridos.

A partir desse momento, o professor voltou à questão do nome do livro, chamando a atenção dos alunos para a relação dialógica com a história bíblica sobre o dilúvio, na qual Noé salvou muitas espécies de animais. O professor apresentou um filme de animação da história bíblica, acompanhado de uma canção sobre a arca. Ao assistirmos às filmagens desse momento, percebemos que os alunos prestaram atenção ao vídeo e alguns até se movimentaram ao ritmo da canção. Esse fato demonstrou que nosso objeto de pesquisa, a canção, é extremamente atraente para os alunos.



Figura 1: Frame do desenho animado O que é que tem na arca de Noé.
Fonte: DVD Minha Vida é Uma Viagem.¹

Um momento importante nessas duas primeiras aulas do curso foi quando o professor propôs aos alunos que lessem um dos poemas ao microfone. O fato de haver em sala um sistema de som com caixas acústicas e microfone, capazes de amplificar o som da voz na leitura, causou excitação nos alunos, que provavelmente não haviam tido acesso a esse tipo de aparelhagem em sua vivência social. A princípio eles utilizaram a aparelhagem com certo receio, demonstrando espanto ao ouvirem sua própria voz, como ficou registrado nas filmagens das aulas. Em diário de bordo desse encontro, temos o registro: “alunos aparentemente estranharam ouvir a si mesmos em aparelhagem de som”. Esse momento foi crucial para a pesquisa, pois marcou o início das atividades individuais, nas quais os alunos passariam a expor sua voz pelo microfone. É importante destacar que duas alunas, as mais jovens, recusaram-se a falar ou cantar ao microfone, demonstrando um comportamento mais tímido, que durou todo o encontro.

Como planejado previamente, o professor passou a tratar então sobre música, através da pergunta inicial: “Vocês sabem o que é música?”. Dentre algumas respostas registradas em vídeo, uma das alunas disse: “Música é tipo quando tem a voz e os instrumentos”. Por meio de respostas como essas, pudemos verificar que os alunos possuem discernimento sobre a combinação da música e do conteúdo verbal presente no gênero discursivo canção.

Vendo que as duas alunas mais jovens não participavam da aula dando respostas, o professor lhes fez a pergunta nominalmente e percebeu que, possivelmente por timidez, nenhuma das duas se atrevia a responder, mesmo com o professor deixando claro que todas as respostas eram válidas, desde que não fugissem do assunto.

¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=S4q77rOl4j8>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

Para dar uma direção mais subjetiva às aulas, o professor explicou que, enquanto o poema é uma forma de expressar sentimentos através da palavra escrita ou falada, a música é uma forma de expressar sentimentos através do som. Sob a perspectiva do pesquisador, entendemos que a intenção do professor incorreu em um equívoco conceitual, pois tanto a poesia quanto a música não expressam em si mesmas sentimentos, mas sim carregam consigo, estruturadas em um contexto socio-histórico, emoções que são expressas por essas artes.

Seguindo o planejado previamente, nesse momento das aulas o professor passou a relacionar letra e música, tocando ao violão uma música, criada de improviso pelo professor, e afirmando que se pode adicionar a essa música a linguagem verbal cantada. Após essa explicação inicial, vemos em vídeo que os alunos não questionaram sobre a relação letra/música. Acreditamos que esse fato se deu porque os alunos ainda não tinham compreendido esse gênero discursivo como resultado da união verbo-musical, o que os levou à ausência de questionamentos.

Foi a partir desse momento que o professor passou a falar sobre a canção como um gênero discursivo em que se encontram os elementos musicais e verbais, em que a letra se une à música para produzir sentidos. Já que anteriormente todos haviam assistido ao vídeo sobre a galinha de Angola, essa foi a primeira canção escolhida pelo professor para ser executada no aparelho de som. A canção faz menção ao cacarejar dessa espécie de galinha e serviu como modelo para o início de nossas análises sobre o gênero discursivo nas aulas.

Essa primeira canção foi ouvida em um aparelho toca CD, mídia conhecida por todos os alunos do curso. Mas após essa primeira audição, o professor perguntou aos alunos se eles sabiam como eram ouvidas as canções na época de suas produções, quais seriam as mídias utilizadas. Uma das alunas (a mesma que respondera que há livros na sala de sua avó), respondeu que havia vitrolas naquele tempo, que tocavam discos, pois sua avó ainda possuía uma dessas em casa. Esse foi um detalhe importante para os nossos objetivos, pois demonstra o fato de que o convívio familiar entre gerações ajuda o aluno a entender o movimento histórico que ocorre com o gênero, possibilitando maior conhecimento empírico sobre o contexto histórico das canções.

Para o restante dos alunos, tudo era novidade. Foi então que o professor demonstrou, por meio de vídeo no computador (pois não foi possível encontrarmos esses aparelhos para serem mostrados ao vivo), uma vitrola e um aparelho toca fitas, explicando que essas eram as mídias utilizadas na época. Apesar da ausência dos aparelhos tocadores,

trouxemos para a sala um LP de *A arca de Noé 2*, e a fita cassete de *A arca de Noé*.² O professor explicou aos alunos que essas gravações foram feitas dez anos após a publicação do livro. Essas mídias foram de extrema importância para a compreensão das crianças sobre questões históricas da obra. Uma das crianças disse não acreditar como poderiam ser tocadas canções “naquilo”, e olhando para a fita cassete em sua mão indagava-se: “Isso toca música?”.

O contato com o LP e a fita cassete causou empolgação nos alunos e nitidamente transportou sua imaginação para um contexto socio-histórico passado, fazendo surgir perguntas do tipo: “Tinha celular naquele tempo?”, “Tinha carros?”. Percebemos em vídeo que o professor aparentou surpresa com essas questões. Em diário encontramos o registro: “é engraçado o encontro de gerações”.

Nesse momento, tanto os alunos quanto o professor já se encontravam em sintonia de maior intimidade para que as aulas transcorressem com melhor fluidez em busca do conhecimento sobre o contexto socio-histórico da obra, fato que fez com que o pesquisador/professor visivelmente se orgulhasse do trabalho realizado até o momento.

Já mais descontraídos, vimos os animais do livro em imagens reais no computador e, logo em seguida, ouvimos a canção referente a cada animal. No momento da canção O pato, praticamente todos os alunos cantaram junto com o CD, demonstrando que a conheciam.

Para que houvesse um momento de descanso, o professor liberou os alunos para um rápido intervalo para banheiro e beber água, avisando a eles que, ao voltarem, criariam uma frase sobre um novo animal que não estivesse no livro. Essa frase seria musicada pelo professor, para que os alunos entendessem como se dá o processo de composição utilizado em uma canção.

Destacamos que durante não apenas nesse intervalo, mas também nos de outros encontros, o planejado era averiguar se o celular responsável pela gravação captara bem as filmagens. Essa preocupação demonstra bem os princípios da pesquisa-ação colocados anteriormente, visto que os papéis de professor e pesquisador se mesclam nesse tipo de pesquisa.

² “A primeira *A Arca de Noé* é lançada pela gravadora Ariola em LP e fita-cassete numa sexta-feira, 10 outubro de 1980, numa operação casada com a TV Globo, que produz o especial **Vinicius para Crianças**, apresentado naquele mesmo dia. Apesar de ter sido gravado pouco depois do primeiro, o segundo volume da **Arca** chega ao mercado no ano seguinte” (ITAÚ, 2018).

Ao retornarmos, iniciamos pela escolha de um animal. Um dos alunos optou pelo coelho e a turma concordou com a escolha. Passamos então a enumerar características do coelho, quais os possíveis sons que ele faz e quais travessuras podemos associar ao animal. Adjetivos como “baixinho” e “fofinho” foram citados. Uma das alunas ficou responsável pela redação do texto. Obviamente todo o processo foi conduzido e, na maioria das vezes, definido pelo próprio professor, que mediou a criação objetivando a composição do trecho de poema sobre o coelho por meio de sugestões de palavras aos alunos. Sob a perspectiva de pesquisador, vemos que essa mediação foi de suma importância, pois o professor pôde trazer sua experiência de músico e de professor de português para conduzir a criação do trecho.³

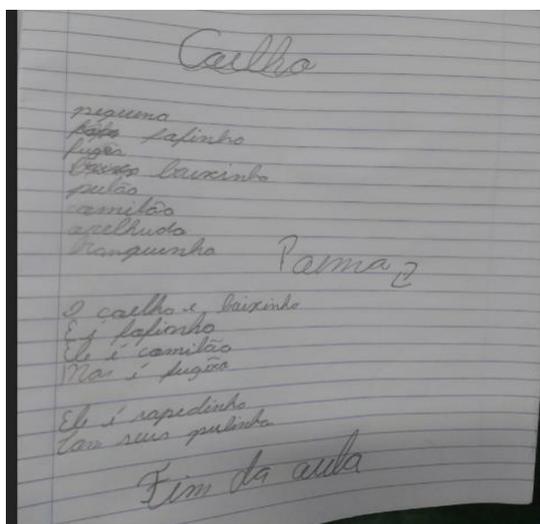


Figura 2: Folha de caderno da aluna responsável por redigir o trecho criado.
Fonte: Dados da pesquisa.

Transcrição do poema

Coelho

O coelho é baixinho/ e é fofinho/ ele é comilão/ mas é fujão

Ele é rapidinho/ com seus pulinhos

Após a elaboração do exerto de poema, ele foi rapidamente musicado pelo professor, que passou a ensinar a melodia da canção para os alunos. Essa melodia foi

³ É importante registrarmos que, em nosso planejamento, esse encontro de duas aulas está ligado ao último encontro do curso, as duas aulas finais que tratarão sobre a composição de uma canção como recurso avaliativo do conhecimento que os alunos adquiriram com as aulas. Iniciamos a proposta nesse momento, para fechá-la no final.

criada a partir da escala diatônica da tonalidade de Sol maior, mesma tonalidade utilizada para a criação da harmonia.

Passamos então para o momento em que as crianças aprenderam a melodia e, em três ou quatro repetições, já a decoraram com o conteúdo verbal, cantando junto com o professor. Graças ao equipamento de som presente na sala de aula, os alunos puderam cantar, individualmente ao microfone, o trecho da canção criada. O uso do microfone foi planejado por entendermos que esse instrumento despertaria a curiosidade dos alunos em relação à sua própria voz amplificada. Todos os alunos participaram, com exceção das duas alunas mais novas, que ainda sentiam-se tímidas.

Ao retomarmos as etapas da pesquisa-ação (planejar – agir – descrever – avaliar), consideramos o resultado dessas primeiras aulas ótimo, pois o planejado ocorreu e com bons resultados didáticos. Esse fato motivou o professor, que, até então, demonstrava-se em vídeo bastante apreensivo sobre os rumos do projeto. A avaliação positiva mostrou ao professor/pesquisador que o encaminhamento planejado para o curso era viável.

Ao final desse primeiro encontro, o professor propôs um breve resumo sobre os assuntos abordados, procurando observar o grau de aprendizagem dos alunos através de suas respostas. Perguntas do tipo “Quem é o autor da obra” e “Quais são os elementos constituintes da canção” obtiveram respostas corretas. As aulas foram encerradas com uma salva de palmas de todos para todos.

CONCLUSÃO

Este artigo, enquanto recorte de uma pesquisa maior, focalizou as aulas de efetivação de uma proposta de trabalho com o gênero discursivo canção em que se tratou do contexto socio-histórico de produção da obra *A arca de Noé*, de Vinícius de Moraes. A análise apresentada seguiu a perspectiva da pesquisa-ação, na qual o professor é, ao mesmo tempo, sujeito participante e pesquisador, procurando analisar como a teoria pode intervir na prática.

Em função da metodologia utilizada, encontramos na análise a descrição e a avaliação constante do professor/pesquisador, que, a partir do planejamento e de sua ação em sala de aula, refletiu constantemente sobre sua prática a partir das teorias que subsidiavam suas ações. Vimos, na análise empreendida, que as reflexões do

professor/pesquisador são embasadas em conceitos bakhtinianos e em teorias musicais que constituíram a base teórica da proposta de trabalho com o gênero discursivo canção.

A análise mostrou que o professor avaliou positivamente o encaminhamento de trabalhar com o contexto socio-histórico de produção da obra como primeiro ponto a ser discutido com os alunos. Por um lado, a participação dos alunos com perguntas e respostas sobre elementos sociais e históricos que envolvem a obra, assim como outras axiologias que surgiram na dinâmica da aula demonstram a necessidade, a nosso ver, desse tipo de trabalho quando abordamos a canção numa perspectiva bakhtiniana. Por outro lado, as análises também mostraram que o professor/pesquisador viu como viável a proposta de trabalho não só das aulas iniciais, mas do curso como um todo. Foi possível observar como o professor/pesquisador estava inseguro no início da atividade, por se tratar de uma abordagem da canção que nunca tinha realizado. Essa insegurança perdeu espaço durante a própria dinâmica das aulas, pois ele se encontrava bem alicerçado teórica e metodologicamente para as atividades. O êxito das aulas iniciais do curso mostrou ao professor/pesquisador que o tratamento da canção numa perspectiva dos gêneros discursivos, considerando seu caráter intersemiótico, para um público infantil, tal qual fora planejado, era possível.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. (Volochínov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F. Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Língua Portuguesa*. Brasília: MEC, 1998.
- CARETTA, Álvaro Antônio. *A Canção e a Cidade: estudo dialógico discursivo da canção popular brasileira e seu papel na constituição do imaginário da cidade de São Paulo na primeira metade do século XX*. 2011. 330 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- _____. Relações discursivas entre a canção popular e os gêneros primários da comunicação. *Estudos Lingüísticos XXXVI*, setembro-dezembro, 2007. p. 158/165. Disponível em: <<http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2007/sistema06/93.PDF>>. Acesso em: 22 abr. 2018.
- _____. *Por um método de análise discursiva da canção popular*. Évora: Universidade de Évora, 2010.
- CARMO JR, J. R. Sobre a gramática da palavra cantada. Campinas: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, jul/dez, 2012. Disponível em:

- <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636602>>. Acesso em: 10 mar. 2018.
- CASTRO, Patrícia Aparecida Pereira Penkal de. *et al.* A importância do planejamento das aulas para organização do trabalho do professor em sua prática docente. *ATHENA Revista Científica de Educação*, v. 10, n. 10, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://nead.uesc.br/arquivos/Fisica/instrumentacao/artigo.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2018.
- ENGEL, Guido Irineu. Pesquisa-ação. *Educar*, Curitiba, n. 16, p. 181-191. 2000. Editora da UFPR. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2045>>. Acesso em: 22 abr. 2018.
- FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da Pesquisa-Ação. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a11v31n3.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2018.
- GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. A noção de campo nas obras de Bourdieu e do círculo de Bakhtin: suas implicações para a teorização dos gêneros do discurso. *Revista da ANPOLL*. São Paulo: v.19, p.151 - 184, 2005. Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/461>>. Acesso em: 22 maio 2018.
- ITAÚ. A Arca de Noé. In: *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://albumitaucultural.org.br/secoes/arca-de-vinicius/>>. Acesso em: 01 de mar. 2018.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1992.
- LIMA, Judson Gonçalves de. Não é música. É canção. XX Encontro Regional de História: História e Liberdade. *Anais ANPUH/SP – UNESP Franca*. 06 a 10 de setembro de 2010. Disponível em: <<https://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Judson%20Gon%20E7alves%20de%20Lima.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2018.
- LOPES, Andressa Aparecida. *Gênero discursivo canção: uma proposta de didatização para o ensino fundamental*. Londrina, 2013. 157 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Londrina, Londrina – Paraná, 2013. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000184474>>. Acesso em: 22 dez. 2017.
- MACIEL, Lucas Vinício de Carvalho. Além de “os gêneros do discurso”. *Caderno de Estudos Linguísticos*. Campinas, jan./jun. 2011. Disponível em: <<file:///D:/Downloads/8636542-Texto%20do%20artigo-6243-1-10-20150617.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2017.
- MARQUES, Ana Claudia Nogueira; ROMUALDO, Edson Carlos. O gênero discursivo canção em livros didáticos das séries iniciais do ensino fundamental e médio. *XXIV Encontro Anual de Iniciação Científica*. Universidade Estadual de Maringá/ centro de ciências humanas. Maringá-Paraná, 2015. Disponível em: <<http://www.eaic.uem.br/eaic2015/anais/artigos/413.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2017.
- MORAES, Vinicius de. *A arca de Noé: poemas infantis*. 20. Ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1989.
- ROJO, Roxane. BARBOSA, Jacqueline P. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- SANTANA, Simone Cristina. *O gênero notícia nas coleções didáticas indicadas pelo Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos*. 2012. 216f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012.
- SOUZA, José Peixoto Coelho de. A Canção na ótica dos gêneros discursivos: uma constelação de gêneros. *Cadernos do IL. Porto Alegre*, n.º 40, junho de 2010. p. 123-133.

Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/24911>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. *Metodologia da pesquisa*. 2. ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2017.

Data de recebimento: 30/04/2020

Data de aprovação: 19/06/2020